

**Ministério de Minas e Energia**  
**Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:**

**Sumário**

|                                                                                       |          |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| <b>VEÍCULO: O Estado de S. Paulo .....</b>                                            | <b>2</b> |
| Título: Refinarias voltam ao nível pré-pandemia .....                                 | 2        |
| Título: » O PIB.....                                                                  | 3        |
| Título: ‘Passaremos a ser promotores da agenda ambiental’ .....                       | 3        |
| Título: Congresso vive apagão de partidos ‘verdes’ .....                              | 7        |
| <b>VEÍCULO: O Globo.....</b>                                                          | <b>9</b> |
| Título: Nova Lei do Gás e vital para o país reduzir preço astronômico da energia..... | 9        |
| Título: Caminho certo no chão da Amazônia .....                                       | 10       |

**VEÍCULO: O Estado de S. Paulo****Data: 06/09/2020****Seção: Economia****Autor: Fernanda Nunes / RIO****Título: Refinarias voltam ao nível pré-pandemia**

Produtos como gasolina, óleo diesel e gás de cozinha retomam força no mix da Petrobrás

Passado o pior momento da crise do setor de óleo e gás, a Petrobrás está retomando o perfil de produção de derivados de petróleo em suas refinarias. Não só o processamento da matéria-prima aumentou, como o cardápio de produtos mudou e voltou ao que era fabricado antes de a cotação da commodity despencar no mercado internacional. Em vez do óleo combustível marítimo, que nos primeiros meses de 2020 ajudou a empresa a fazer caixa, o óleo diesel, a gasolina e o gás liquefeito de petróleo (GLP), conhecido popularmente como gás de cozinha, voltaram à lista de prioridades da estatal.

Reforçando essa tendência, a utilização das refinarias em relação à capacidade autorizada pela Agência Nacional de Petróleo (ANP), saltou de 56%, em abril, para 75,5%, em junho. Desta forma, ficou próxima ao nível de janeiro, que era de 76,3%. A indústria do petróleo entrou em crise em fevereiro, por conta de uma desavença da Rússia com a Organização dos Países Exportadores (Opep) sobre uma sobreoferta da commodity, o que fez com que a cotação do barril despencasse para a casa dos US\$ 20. Em seguida, com o coronavírus e retração brusca da demanda, o petróleo chegou a ser vendido a valores negativos nos Estados Unidos. E, no Brasil, o coronavírus afetou, especialmente, a demanda por combustíveis utilizados em automóveis e aeronaves.

Para a Petrobrás, abril foi o pior mês da crise. Para evitar prejuízos ainda piores em sua receita, a empresa aproveitou uma nova exigência regulatória internacional por um combustível marítimo mais limpo, como o que produz em suas refinarias a partir do petróleo do pré-sal, para ganhar espaço no mercado externo. A companhia petrolífera se viu obrigada, então, a transformar o perfil das suas refinarias para produzir óleo marítimo no lugar, em parte, da gasolina e do óleo diesel.

Antigo 'mix'. Com isso, a refinaria Replan (SP), em São Paulo, mais voltada para a produção de diesel, perdeu a liderança de mercado para a Rlam, na Bahia, de onde sai a maior parte do óleo marítimo da estatal. Passado o pior momento, as refinarias da Petrobrás caminham agora para a normalidade. Em julho deste ano, segundo estatísticas mais recentes da ANP, a fabricação de óleo diesel foi de 1,8 milhão de metros cúbicos, enquanto, em abril, era de 1,3 milhão de m<sup>3</sup>.

A de gasolina passou de 1,1 milhão de m<sup>3</sup> para 1,8 milhão de m<sup>3</sup> no período. Esses volumes equivalem ao nível de janeiro, no pré-crise. Já a produção de óleo marítimo, que chegou a 458 milhões de kg em abril, três meses depois estava em 341 milhões de kg. Procurada, a Petrobrás não se pronunciou.

**VEÍCULO:** O Estado de S. Paulo

**Data:** 06/09/2020

**Seção:** Colunas

**Autor:** Alberto Bombig

**Título:** » O PIB...

### Coluna do Estadão

Coordenador da Frente Parlamentar Ambientalista, o deputado Rodrigo Agostinho (PSB-SP) foi procurado por empresários que representam pelo menos um terço do PIB nacional para discutir a inserção de aspectos mais sustentáveis na proposta de reforma tributária.

» ...ficou verde. O grupo reúne desde fabricantes de pneus até bebidas, passando pela indústria fotovoltaica. Para o deputado, a pandemia da covid trouxe novas reflexões e o setor produtivo entendeu a importância da sustentabilidade.

» CLICK. Hamilton Mourão conversa na terça-feira (8/9) com o jornalista Carlos Alberto Di Franco (no Youtube, às 17h) sobre desafios da Amazônia e a “economia limpa”.

» Ação. A SP Negócios realiza na terça-feira audiência pública online para discutir parceria público-privada para geração e distribuição de energia solar no programa Energia Limpa.

COM MARIANA HAUBERT E MARIANNA HOLANDA

**VEÍCULO:** O Estado de S. Paulo

**Data:** 06/09/2020

**Seção:** Economia

**Autor:** Cleide Silva

**Título:** ‘Passaremos a ser promotores da agenda ambiental’

Entrevista

Sérgio Rial, presidente do Santander

Em ação conjunta, bancos privados têm intenção estratégica de fomentar as culturas da Amazônia, diz Rial

Ao entregar um plano com dez propostas para promover o desenvolvimento sustentável da Amazônia ao governo, os três maiores bancos privados do País, Bradesco, Itaú e Santander também estavam dispostos a fazer algo que nunca fizeram antes: dar crédito aos pequenos agricultores da floresta. Só neste ano, as três instituições somam empréstimos de R\$ 70 bilhões ao setor do agronegócio. “Tudo foi absorvido pelas grandes culturas como soja, milho e carne; nada foi para a Amazônia”, admite o presidente do Santander, Sérgio Rial. “Será o nosso Pronampe verde”, brinca ele, em referência ao Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte criado pelo governo em maio. A seguir, trechos da entrevista.

Ontem foi o dia da Amazônia? Há algo a comemorar?

Nós celebramos, corretamente, a descoberta de grandes poços de petróleo no mar, a exploração em alta profundidade e talvez caiba agora celebrar algo muito mais rico do que todo o combustível fóssil que o Brasil pode ter encontrado. Temos de ver como tangibilizar esse patrimônio que é a Amazônia, como trazer a floresta para o dia a dia da vida dos brasileiros.

Como isso pode ser feito?

Uma forma seria precificar a Amazônia, mostrar o valor que ela tem na neutralização do CO<sub>2</sub>. Quanto mais desenvolvermos instrumentos de descarbonização, mais tangível será o preço da preservação da Amazônia. O instrumento de compra de crédito para neutralizar o que foi gerado de CO<sub>2</sub> é uma forma de estabelecer um mecanismo financeiro de precificação da geração de CO<sub>2</sub>. Se formos capazes de provar o valor da Amazônia, por que não pedir ao planeta para que também participe da preservação?

De que forma?

Imagina o valor que tem a preservação da Amazônia para um planeta que quer ser neutro em geração de CO<sub>2</sub>. Grandes indústrias nos EUA e na Europa estão comprando certificados de descarbonização para cumprirem metas de ESG. Com a evolução de instrumentos financeiros de descarbonização vai ser possível provar o valor de uma floresta que neutraliza esse gás carbônico. Sabemos tecnicamente e cientificamente que a floresta protegida tem valor, mas ainda não somos capazes de precificá-la. Esse seria um caminho e o Brasil poderia inclusive vender créditos para multinacionais. Seria começar o que chamo de matematização financeira da floresta. A Amazônia é o maior ativo capaz de reduzir os efeitos nefastos do efeito estufa.

O que avançou desde a entrega da carta ao governo?

Recentemente nomeamos um conselho consultivo que reúne grandes personalidades científicas e lideranças da Amazônia. A primeira reunião ocorrerá neste mês. Também começaremos nas próximas semanas um diálogo construtivo com líderes da indústria frigorífica e sua cadeia para construirmos políticas para um novo tipo de concessão de crédito que tenha compromisso com o desmatamento zero e para começarmos a ter uma cultura mais forte de rastreabilidade.

Outra prioridade é a regularização fundiária, correto?

Sim. Nos propusemos a trabalhar até o final do ano com vários escritórios de advocacia para criar um plano de ação plurianual para efetiva regularização fundiária da região amazônica. Vamos estabelecer um prazo para ter esse plano.

Como será o apoio financeiro proposto na carta?

Vamos apoiar culturas sustentáveis, em especial de açaí, castanha e cacau. São culturas familiares que permitem às pessoas ficarem na Amazônia e isso é importante, pois não há preservação sem o homem estar coexistindo e vivendo na Amazônia, sendo capaz de preservá-la. Vamos construir linhas de crédito que viabilizem a melhora da qualidade e da questão ambiental da produção. Não vamos dar crédito para quem não cumpre regra ambiental. Muitos cumprem, mas não têm acesso a linhas que não sejam de bancos públicos.

Vocês darão condição melhor?

Os três bancos privados nunca construíram um menu de oportunidades de financiamento para aqueles que estão efetivamente fazendo o certo. Temos de ajudar de maneira concreta, com juros muito melhores do que normalmente se praticaria, porque o objetivo é fomentar o fazer certo. Passaremos a ser promotores dessa agenda ambiental. Até o fim do ano, vamos anunciar medidas e produtos. Será o nosso, jocosamente, Pronampe verde. Até agora todos ficavam à mercê do grande plano que seria concedido pelo banco público x, y, ou z. Não podemos substituir o papel do Estado, mas podemos ser muito mais ativos na execução de soluções do que talvez tenhamos sido nas últimas décadas.

Os bancos privados não tinham muita participação no financiamento ao setor rural...

Nós fazíamos, mas não tínhamos escala. Nas últimas décadas os bancos públicos detinham mais de 70% do financiamento agrícola no País. No final deste ano, os três bancos privados já vão estar próximos a R\$ 70 bilhões de concessão de

financiamentos agrícolas, 24% do total, e isso era impensável há duas décadas. No Santander tínhamos uma cota histórica de mercado de 2% e este ano estamos perto de 10%. Desse total quanto foi para a Amazônia? Nada. Tudo foi absorvido pelas grandes culturas escaláveis e dolarizadas como soja, milho e carne. Por isso temos a intenção estratégica de fomento às culturas da Amazônia.

Qual plano para bioeconomia?

Vamos tentar fazer com que a Amazônia não seja só área de extração, mas onde mais valor agregado pode ser adicionado. Ao invés de vender o cacau, porque não vender o pó e quem sabe o chocolate? Podemos construir a melhor marca de chocolate natural na Amazônia. No caso da indústria de beleza, muito é extraído mas pouco é manufaturado na região. A bioeconomia é dar a empreendedores tudo o que podemos como banco para que possam levar a base produtiva de valor agregado a outro patamar. Quem sabe se o sonho não permitira também uma reconfiguração, não na sua totalidade, da Zona Franca de Manaus.

O Santander tem linhas que levam em conta a sustentabilidade dos projetos financiados?

No setor de carne temos um dos grupos de análise de risco sócio ambiental mais desenvolvido do País. Também fizemos recentemente empréstimos condicionados a metas ESG, como para a Cooperativa Lar, do Paraná, para recuperação de nascentes e outro para a FS Bionergia. Em alguns casos são financiamentos de longo prazo cujas taxas caem na medida em que a empresa cumpre metas socioambientais previstas no início do contrato.

Como o banco sabe que a empresa cumpre as metas?

Há uma empresa independente que faz a avaliação e temos contratos com empresas de satélites para fazer monitoramento.

Adotar o 'selo verde' para créditos será tendência para o setor?

Acho que essa realidade já chegou. Na questão dos três bancos, começa a se ver uma evolução em relação ao capitalismo social em que ter resultado é obrigação, e ter liderança em relação à sociedade é opção. E essa opção queremos exercer com vigor. A epidemia deixou isso claro. A sociedade demonstrou capacidade de mobilização, que é o melhor antídoto à indiferença. Não é a radicalização, não é a politização, é a união de esforços em escalar soluções que individualmente não encontraríamos. Essa coisa do selo verde também traz esse capitalismo social mais responsável. Vão existir aqueles que olham com certo cinismo, mas estamos convencidos de que uma melhor

sociedade, mais próspera, responsável ambientalmente é melhor para todos, inclusive para os negócios.

**VEÍCULO:** O Estado de S. Paulo

**Data:** 06/09/2020

**Seção:** Política

**Autor:** Felipe Frazão / BRASÍLIA

**Título:** Congresso vive apagão de partidos ‘verdes’

Movimento vai de encontro ao aumento da demanda pela preservação ambiental

A retomada do debate ambiental no País e no exterior contrasta com um apagão dos “partidos verdes” no Congresso Nacional. No momento em que surgem novos atores nas redes sociais e na economia em defesa da pauta da sustentabilidade, a representatividade de ambientalistas na Câmara dos Deputados e no Senado enfrenta um declínio. Parlamentares ligados ao tema tentam manter a relevância apostando na transversalidade da discussão. A morte do ativista e ex-deputado Alfredo Sirkis, de 69 anos, em julho, num acidente de carro no Rio, ilustrou de forma trágica o ocaso vivido pela bandeira do meio ambiente no Legislativo.

Um dos fundadores do PV nos anos 1980, Sirkis teve destaque no movimento focado na preservação, que teve seu ápice no meio político na eleições presidenciais de 2010 e 2014. Naquele período, Marina Silva, ex-petista ligada ao grupo do líder seringueiro Chico Mendes, ficou em terceiro lugar, com 19 milhões e 22 milhões de votos, respectivamente. Na última disputa, porém, ela amargou a oitava posição, obtendo um milhão de votos. A perda de capital de Marina refletiu na Rede Sustentabilidade, legenda criada por ela após campanhas presidenciais pelo PV e pelo PSB. Em 2018, a Rede elegeu somente uma deputada, Joênia Wapichana (RR), a única indígena do Congresso.

Integrante histórico do movimento verde, o ex-deputado e jornalista Fernando Gabeira avalia que nem sempre a representação política corresponde de forma “mecânica” à importância crescente do tema ambiental. “É um problema, e os candidatos precisam examinar por que a pauta não consegue ser traduzida de forma satisfatória.” Ele vê como saída a fusão entre as legendas. A unificação, discutida há anos nos bastidores, nunca avançou por divergências entre os líderes partidários. “O ideal seria uma união e o lançamento de um programa para o País. Mas não pode ser voltado apenas para a ecologia em si”, avalia.

“Reconheço que houve uma lacuna na nossa trajetória ao longo dos 30 anos, que foi o saneamento básico, que só agora foi objeto de um marco regulatório.

Trabalhamos muito a legislação ambiental.” A bancada verde no Congresso também reuniu, no passado, nomes historicamente ligados a movimentos sociais e ONGs, como Fábio Feldmann (fundador da SOS Mata Atlântica, Instituto GEA e Fundação Onda Azul), Sarney Filho (ex-ministro e atual secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal) e Márcio Macedo (biólogo e vice-presidente nacional do PT).

Hoje, a bancada do PV tem como seu nome mais orgânico o deputado Célio Studart (CE), que milita pelos direitos de animais. Entre os que têm trajetória próxima dos ambientalistas destacam-se o ex-prefeito de Bauru (SP) Rodrigo Agostinho (PSB), coordenador da Frente Ambientalista e presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, e Nilto Tatto (PT-SP), fundador do Instituto Socioambiental. Após pressão de investidores estrangeiros e de executivos reunidos no Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), formou um grupo de trabalho para selecionar e negociar projetos legislativos de impacto ambiental.

O grupo reúne nomes ligados a ambientalistas e ao agronegócio. A ideia é buscar consenso entre siglas de esquerda, centro e direita. No entendimento desses deputados, reforçar o antagonismo barra o avanço da proteção ambiental. Nomes do DEM de São Paulo foram escolhidos por Maia para a relatoria do Marco do Saneamento Básico (Geninho Zuliani) e do Licenciamento Ambiental (Kim Kataguiri), que ainda não foram votados. “Muito embora os partidos originários da causa ecológica tenham ficado menores na representação legislativa, há uma clara percepção suprapartidária de necessidade sustentável por parte dos parlamentares da atual legislatura. Até mesmo por parte da bancada ligada ao agronegócio”, diz Agostinho, que integra o grupo de trabalho.

Ministro. Políticos ligados ao setor dizem que Bolsonaro tratou o meio ambiente com desdém, escolheu um ministro (Ricardo Salles) sem interlocução com o setor e não desenhou um programa de governo para a área. Além disso, trabalha para desmontar a legislação protetiva. Eles ressaltam que o governo reabilitou um conceito superado no exterior de que a ecologia é uma pauta “de esquerda”. Registrado há apenas cinco anos na Justiça Eleitoral e ligado ao empresariado e ao sistema financeiro, o Novo defende ações ligadas ao mercado para solucionar problemas ambientais, como saneamento e recuperação das águas, redução do desmatamento ilegal, redução dos lixões, fim de subsídios à energia não-renovável (gasolina e diesel) e um debate racional sobre defensivos agrícolas.

No ano passado, o partido expulsou Salles por adotar condutas divergentes das que o partido prega, “desdenhando de dados científicos”, mas não aplicou

qualquer punição por sua gestão como ministro. “Essa geração do agro e do mercado financeiro acordou e viu a importância que o mundo dá para a maior floresta tropical. É menos o parlamento e mais a sociedade que está se mobilizando”, afirmou o ex-deputado Ricardo Trípoli (PSDB), ex-secretário de Meio Ambiente de São Paulo e atual secretário executivo da prefeitura da capital paulista. Líder do PV, o deputado de primeiro mandato Enrico Misasi (SP) afirma que a retórica de Bolsonaro permissiva e favorável a demandas de produtores rurais e garimpeiros pode ter conquistado votos, mas prejudicou o governo. “A pauta de proteção ambiental se tornou universal.”

**VEÍCULO:** O Globo

**Data:** 06/09/2020

**Seção:** Editorial

**Autor:**

**Título:** Nova Lei do Gás e vital para o país reduzir preço astronômico da energia

Concorrência no setor é chave para que a produção no pré-sal seja aproveitada

O projeto de lei que altera a regulação do setor de gás natural consumiu mais de quatro anos de discussão para ser aprovado na Câmara na última terça-feira— e ainda precisa da chancela do Senado. O tempo reflete a complexidade do tema. Pela relevância crescente do gás na matriz energética do país, principalmente no uso potencial como insumo para a indústria, a instituição de um marco regulatório moderno para o setor representará mesmo um “choque de energia barata” no sistema produtivo, como costuma antever o ministro da Economia, Paulo Guedes. O efeito na atração de investimentos é incomensurável.

Mas nada é fácil. Como tudo relacionado ao petróleo, o gás ainda depende muito da ação estatal. Se a Petrobras teve mérito nos primeiros passos na exploração, foi obrigada a abrir espaço ao setor privado para o Brasil avançar na produção interna de hidrocarbonetos. Acontece o mesmo no setor de gás. E, toda vez que se deseja atrair investimento privado a algum segmento de peso na atividade petrolífera, é preciso mergulhar em regulações, com a finalidade de garantir que haja competição de fato entre os agentes privados que entrarão no negócio. Se não, o risco é haver mera transferência de monopólios.

Quando se trata de redes de gasodutos, centros de processamento e abastecimento, o assunto ganha complexidade. A lei em fase de aprovação concede, de acordo com os principais estudos e análises do setor, a segurança jurídica necessária para o desenvolvimento da indústria do gás por grupos privados.

A Petrobras há algum tempo tem se desfeito de participações na administração de gasodutos, conforme termo de ajuste de conduta assinado com o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Grupos privados que já estão na atividade se dizem dispostos a investir mais.

Em 2019, a produção nacional de gás, de 130 milhões de metros cúbicos por dia, aumentou pelo décimo ano consecutivo, tendência garantida pela contribuição crescente do pré-sal. Na ponta do consumo, é preciso que haja demanda forte e contínua para sustentar a estrutura produtiva, por meio de siderúrgicas, polos de cerâmica, indústria química e similares.

Nem será preciso formular políticas sofisticadas para atrair tais investimentos. O gás a preço competitivo funcionará como chamariz. Nada acontecerá se ele continuar a US\$ 13 por milhão de unidades de energia (BTUs), ante US\$ 3 nos Estados Unidos. Num mercado competitivo, como o desenhado pela nova lei, a situação será outra.

**VEÍCULO:** O Globo

**Data:** 06/09/2020

**Seção:** Colunas

**Autor:** Míriam Leitão

**Título:** Caminho certo no chão da Amazônia

A terra e o ouro subiram de preço. Isso é um poderoso incentivo econômico à grilagem e ao garimpo na Amazônia. O Brasil tem vantagens competitivas no agronegócio, setor que está ligado, como nenhum outro, às cadeias internacionais, mas o desmatamento leva os grandes fundos de investimento e os consumidores externos a fazerem exigências ao país. Querem ter certeza de que o nosso produto está livre do crime de destruir a maior floresta tropical do planeta. No chão da Amazônia vicejam produtos preciosos, açaí, cacau, castanha, mas não há cadeias produtivas que sustentem a geração de riqueza para quem mora lá.

Esse é o quadro no qual três bancos privados, competidores — mas não adversários, como se definem — decidem se unir. Se vão contribuir para mudar essa realidade, o tempo dirá. O que eles querem? Estimular as cadeias locais de produtos da floresta com a ambição de que haja escala, ter incentivos econômicos à preservação, buscar informação sobre as grandes cadeias produtivas para quebrar a ligação entre o legal e o ilegal. Saber para quem estão emprestando.

Na sexta-feira, durante uma hora e meia, entrevistei os presidentes do Bradesco, Octavio de Lazari; do Itaú Unibanco, Candido Bracher; do Santander,

Sergio Rial. A ideia era saber como passarão dos bons propósitos que anunciaram recentemente para a prática. Eles fizeram afirmações interessantes, que o jornal de ontem trouxe no texto de Glauce Cavalcanti e Carolina Nalin. O que me impressionou positivamente é que admitem, logo de início, que estão num processo de aprendizagem. Amazônia é um assunto denso como a floresta, que se abre em muitas vertentes como os igapós, e diante de sua dimensão o risco maior é se perder. A Amazônia pede de nós humildade.

O que de fato os bancos vão fazer? Um grande problema é o da produção de carne. Tempos atrás, a moratória da soja uniu produtores, ONGs, órgãos de controle, grandes consumidores. O pacto que fizeram obrigou as tradings a só comprarem de quem comprovasse que não desmatou. A ideia é repetir isso numa mesa da pecuária.

— Estamos no epicentro de todas as cadeias, da fazenda ao garfo. E a agroindústria está ligada globalmente. É essencial sabermos se continuaremos nessa cadeia de produção. A Amazônia está no centro da capacidade competitiva do Brasil a longo prazo — explicou Sergio Rial.

Octavio de Lazari disse que há uma mudança de comportamento no consumidor que definirá que empresas vão prosperar no século XXI.

— O consumidor brasileiro das novas gerações está se tornando cada vez mais atento. Aquela empresa que não for responsável, ecológica e inclusiva, ou não respeitar a diversidade, vai ficar pelo caminho. Esse é o ponto fundamental da mudança de postura brasileira e mundial — diz Lazari.

Na visão dos banqueiros, é preciso inverter a equação que hoje devasta a floresta.

— O caminho da redução de carbono é inexorável. Temos que aumentar o prêmio para o cumprimento da lei, estimulando o mercado de crédito de carbono, o mercado de serviços ambientais, e o desenvolvimento de cadeias produtivas. A repressão ao ilegal tem que ser um elemento, mas não o mais importante. Tem que haver o estímulo econômico às boas práticas dentro das regras de mercado — diz Candido Bracher.

Há muita coisa que é difícil saber como lidar. Os três admitem que mineração é um grande desafio e que, ao contrário do que acontece na agricultura, o pequeno produtor, ou seja, o garimpo, não pode ser sustentável. E que a grande mineração não pode sair deixando as cicatrizes na floresta. Perguntei sobre os indígenas porque o tema está ausente nos dez princípios que eles estabeleceram para orientar sua atuação na Amazônia. Eles admitiram que, de

todos os assuntos, “esse é o que mais se aplica à necessidade de aprender e ser humilde”, como definiu Bracher.

O governo anda em direção contrária a toda essa agenda, mas eles consideram que o vice-presidente Hamilton Mourão abriu um canal de diálogo. Querem pensar a Amazônia como uma questão de Estado e não de governo, mas não fugiram da pergunta sobre a última declaração do presidente Bolsonaro, que comparou as ONGs a câncer. Eles discordam. As ONGs são parceiras, estão nos conselhos e têm conhecimento do assunto, disseram.

## CAPAS DE JORNAIS

## O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875  
JULIO MESQUITA  
(0864 - 1927)

Domingo 6 DE SETEMBRO DE 2020 R\$ 7,00 ANO 141 Nº 46345

estadão.com.br

## Esportes

## Isolados e com adversário virtual

Atleta do taekwondo treina com equipamento de realidade virtual, que simula características de adversários. Seleção brasileira está isolada há cinco meses em sítio que virou centro de treinamento, em Itaipava, na Grande SP. PÁG. A18



## Mesmo preso, Ronaldinho manteve patrocínios

Apesar de ter passado 171 dias preso no Paraguai, o ex-jogador Ronaldinho Gaúcho manteve patrocínios e teve um acréscimo de 400 mil seguidores nas redes sociais - só no Instagram, ele tem 5,7 milhões. A Embatur manteve o ex-craque como Embaixador do Turismo do Brasil. ESPORTES / PÁG. A20

Entrevista  
Sergio Rial,  
presidente do Santander  
"Seremos promotores  
da agenda ambiental"

Ao falar do acordo de Itaipá, Bradesco e Santander para dar crédito a pequenos agricultores da Amazônia, executivo diz que "uma sociedade responsável ambientalmente é melhor inclusive para os negócios". ECONOMIA / PÁG. B6

## 1 em cada 4 brasileiros diz que pode não tomar vacina contra covid-19

Entre as razões estão dúvidas quanto à segurança e teorias sem base científica

Pesquisa da ONG Avaaz feita pelo Ibope mostra que um em cada quatro brasileiros resiste à ideia de tomar vacina contra a covid-19 quando o imunizante estiver disponível. Mil pessoas foram entrevistadas em todas as regiões do País. Do total de participantes, 75% disseram que tomarão a vacina, 20% afirmaram que talvez tomem e 5% relataram que rejeitarão o imunizante. A margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais. Entre as pessoas que hesitam, 34% são da faixa etária de

25 a 34 anos e 36%, pessoas da religião evangélica. As principais razões para a possível recusa são dúvidas quanto à segurança e eficácia do imunizante e teorias sem base científica como manipulação genética, implantação de um chip por meio da vacina e até a hipótese de que o produto seria feito com fetos abortados. Especialistas defendem que governos, comunidade científica e plataformas de tecnologia melhorem a comunicação com a população. METRÓPOLE / PÁG. A19

## A pandemia no Brasil (levantamento do consórcio de imprensa)

|                                                       |           |
|-------------------------------------------------------|-----------|
| TOTAL DE MORTES                                       | 126.230   |
| NOVOS REGISTROS DE MORTES EM 24H, ATÉ AS 20H DE ONTEM | 646       |
| MÉDIA MÓVEL DE MORTES (7 DIAS)                        | 819       |
| TOTAL DE TESTES POSITIVOS                             | 4.121.203 |
| NOVOS CASOS DE TESTADOS EM 24H, ATÉ AS 20H DE ONTEM   | 33.420    |
| TOTAL DE RECUPERADOS*                                 | 3.296.702 |

\*NÚMERO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

## Reeleição é praticada há décadas em Assembleias

A estratégia para tentar permitir a reeleição em 2021 dos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), apesar de ser vetada pela Constituição, é prática adotada há décadas em Assembleias Legislativas do País. Deputados estaduais já alteraram leis, regimentos e conseguiram todo tipo de brecha para se eternizar no poder. No Piauí, o deputado Themistocles Filho (MDB) preside a Assembleia desde 2005. POLÍTICA / PÁG. A4

● Ações contra Bolsonaro no TSE  
Novo corregedor-geral da Justiça Eleitoral, Luís Felipe Salomão diz que é preciso julgar rápido as ações contra a campanha do presidente. PÁG. A11

## Pandemia acelera devolução de escritórios

A forte queda na atividade econômica, que provocou retração de 9,7% no PIB no terceiro trimestre, aliada ao aumento do número de pessoas trabalhando em casa, está afetando drasticamente o mercado de imóveis corporativos. Do total de escritórios disponíveis para locação em São Paulo, 20,9% das unidades devem ficar desocupadas até o fim do ano, alta de mais de 20% em nove meses. Os dados são da JLL, empresa norte-americana especializada no setor. ECONOMIA / PÁG. B1

● Empresas adiam retorno  
Em pesquisa feita pela consultoria KPMG com empresários, 26% dos entrevistados disseram que a volta a escritórios ficará para 2021. PÁG. B1

## NOTAS E INFORMAÇÕES

## O presidente tem toda a razão

Não é mesmo fácil ser presidente da República. É um fardo que só líderes políticos muito preparados, intelectuais e emocionalmente, são aptos a carregar. PÁG. A2

## Cidade Limpa em risco

Atual legislação da Câmara dos Vereadores precisa abarcar esta tentativa de estupro visual do espaço público. PÁG. A3

## NA QUARENTENA

## FÁBRICA DE VINIS NASCIDA DA SUCATA

DJ recupera máquinas de prensar discos e cria selo. PÁG. H1

## BOTÍN, A MAIOR CRISE EM 295 ANOS

Restaurante fundado em 1725 sente falta dos clientes. PÁG. H3



## Espaço Aberto

## Fernando Henrique Cardoso

## Reeleição e crises

Permiti e aceitei a reeleição. Sabia e acho que 4 anos é pouco para "fazer algo". Visto de hoje, entretanto, imaginar que presidentes não furto o impossível para se reeleger é ingenuidade. PÁG. A2

## Cetso Ming

Estamos sendo soterrados por embalagens. Quem não havia se dado conta, pode ver agora, após meses de confinamento. ECONOMIA / PÁG. B2

## Caso Flordelis

## TRAMA SURREAL

Investigação contraria histórico de boa pastora e sugere trama com dinheiro, sexo e interesses políticos. METRÓPOLE / PÁG. A19

## Tempo em SP

10° Min. 31° Máx.



**CAOA**

LOJAS ABERTAS  
NO FERIADO

OPORTUNIDADES IMPERDÍVEIS

## FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 100 \* Nº 33.394

DOMINGO, 6 DE SETEMBRO DE 2020

R\$ 7,00

#UseAmarelo pela Democracia

Anazônia sob Bolsonaro



## AGRICULTORES INVADIM TERRA INDÍGENA NO PARÁ À ESPERA DE REGULARIZAÇÃO

Vila Renascer, ocupação ilegal dentro da Terra Indígena Apyterewa, já tem cerca de 2.000 casas; fluxo cresceu com promessa de Jair Bolsonaro de revisar demarcações B4 e B5

Lalo de Almeida/Folhapress

Ilustríssima B12

## Luta antirracista

Debate nos EUA dá mais visibilidade às ações do movimento negro no país

Ilustrada B8

Em documentário e livro, Caetano Veloso relembra quando foi preso na ditadura

MÔNICA BERGAMO B9

Não tenho medo de ser cancelada, pois sou constantemente, afirma Bela Gil

Esporte B16

Grandes meio-campistas deste século agora pensam o jogo como técnicos

EDITORIAIS A2

Proteger o teto

Sobre a importância do instrumento de controle do gasto para manter os juros historicamente baixos.

AUDIÊNCIA/MÊS

PÁGINAS VISTAS 189.213.054

VISITANTES ÚNICOS 35.510.663

ISSN 1667-0779

9 771414 572018



Diana Verga/Folhapress

## DE VOLTA ÀS RUAS

Aglomeração, com venda de bebidas na rua, na praça Benedito Calixto (Vila Madalena, zona oeste de São Paulo), na noite de sábado, início do feriado prolongado da Independência; no litoral paulista, as praias ficaram cheias

## Atas idênticas geram suspeitas sobre uso de fundo eleitoral

Ao menos 4 partidos enviaram ao TSE registros de reuniões com trechos iguais; siglas dizem desconhecer coincidências

A Folha identificou ao menos quatro partidos que entregaram ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) atas de reuniões partidárias com trechos idênticos entre si.

O aparente "cópia e cola" levanta a suspeita de simulação desses eventos para definir critérios de partilha do fundo eleitoral, que no pleito deste ano vai ratear R\$ 2 bilhões entre os candidatos.

Num dos casos, o registro da reunião em que o PSL teria decidido as diretrizes para distribuir seus recursos, datado de 3 de junho, traz a transcrição de situação que se assemelha em detalhes, como o emprego de palavras e pontuação iguais, a uma descrita em um encontro do PL, com data de 13 de maio.

Episódio similar se deu com PMB e Solidariedade.

Para cada um dos 33 partidos receber a sua fatia do fundo, é preciso que os dirigentes se encontrem e aprovem resolução estabelecendo os parâmetros para repassar a verba pública a seus representantes nas urnas.

As legendas afirmaram desconhecer a razão das coincidências nos papéis e disseram que as reuniões ocorreram de fato. Poder A4 e A5

## Toffoli conclui gestão marcada por polêmicas

O ministro Dias Toffoli encerrou no dia 10 o mandato de presidente do STF, marcado pelo inquérito das fake news e choques entre Poderes. Em dois anos, impôs freios à Lava Jato e foi acusado de tomar medidas arbitrárias. Poder A12

## Governo quer tirar verba de pastas para o Pró-Brasil

Técnicos farão um pentefino no orçamento de ministérios como Educação, Cidadania e Saúde para encontrar sobras e remanejar R\$ 6,5 bilhões para obras. A ideia é mobilizar recursos pouco sensíveis politicamente. Mercado A16

## ENTREVISTA Rogério Marinho Obra no NE não é gasto eleitoral

O governo está unido para aumentar investimentos sem acabar com o teto de gastos, diz o ministro do Desenvolvimento Regional. Ele minimiza atritos com a equipe econômica e afirma não ser a favor de gasto irresponsável, mas sim de ações que reduzam desigualdade. "Não parar obras hídricas do Nordeste não significa obra eleitoral", afirma. Mercado A17

PAINEL

## PCC pagava até 'leite das crianças' a famílias de presos

Poder A4

## Biden age para conter narrativa de Trump

Com o presidente levando os atos antirracismo para o centro da campanha, democrata revê estratégia para se manter à frente. A13

## Pandemia no Brasil

Brasil Total Óbitos\* Variação\*\*

Casos 4,1 mi 39,5 mil 4,3%

Óbitos 126,2 mil 819 -17,9%

Dados das 20h de 5 set. \*Média móvel de 7 dias. \*\*Em relação a 14 dias

## Estágios da pandemia

Acelerado Estável Desacelerado Reduzido

Sul Sudeste Nordeste Centro-Oeste Norte

Estados com mais óbitos

1º SP 31,1 mil

2º RJ 16,5 mil

3º CE 8,6 mil

## Situação nos municípios

Acelerado Estável

A. dos Guararapes (PE)

Porto Alegre (RS)

Campo Grande (MS)

S. José dos Campos (SP)

Salvador (BA)

MME-Assessoria de Comunicação: Destaques dos Principais Jornais do dia

14

**Filme em Veneza:** 'Minha vida teria tomado outro rumo não fosse a prisão', diz Caetano **REINALDO OREIRO**



**Influenciadora da vez:**  
Camilla de Lucas, de Nova  
Iguaçu para o mundo



**O GLOBO**

Arina: Marinho (1874-1925) — ~~1904-1931~~ (1904-2011) Roberto Marinho

[illegible]

**Museus  
reabrem  
após seis  
meses**

Afastação de temperatura e controle de deslocamento nas filarmas arrastaram a reabertura do Museu do Amanhã. Ontem foi o primeiro dia em que os espaços culturais puderam receber o público no Rio após os meses fechados. A Casa Roberto Marinho também reabriu. Os visitantes comemoram a retomada com o mais amplo espaço de lazer.

**EXCLUSIVO**

# Ibope: população e Bolsonaro são os maiores responsáveis por mortes da Covid

Para 71% dos entrevistados, o impacto da pandemia no país foi muito pior que o esperado

Pesquisa Ibope encomendada pelo GLOBO mostra que mais de 60% da população tem uma avaliação positiva do presidente recém-eleito e enfrenta um cenário de otimismo nacional. Para 77% dos entrevistados, o fim pisa na pandemia em uma vida da população foi muito bom ou esperado. Na hora de distribuir responsabilidades, no entanto, a sociedade se divide. Enquanto eleitores de esquerda consideram o presidente Jair Bolsonaro o principal responsável pelas más condições econômicas, os de direita culpam a própria população e os governadores. A pesquisa sairá pela internet 2.626 pessoas das classes A, B e C que representam 70% da população. **REDACTA**

QUEM É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL  
PELA ATUAL SITUAÇÃO DA PANDEMIA  
DO CORONAVÍRUS. TOTAL (EM%)



Populele: Președintele Guvernului, Niko Salia  
Președintele Federației de 20 și 22 de ani, de 2020 euro, 2.629 milioane.  
A mers pe o cale nouă și a început în 2 profesii paralele: pe o  
mănușă și pe o mână. Timp de 100%

Entrevista a André F. Lúcio



— Procurarem por ali, por ali.  
por a qui, não, vindo!

## Mais de 2 mil policiais vão disputar eleições

Mais de dez mil policiais militares e civis de 23 estados já podem afastamento de suas funções para disputar cargos de prefeito e vereador este ano, informam Jurema Castro e Alice Cayo. E o número deve crescer, pois o prazo para se inscreverem só acaba no fim do mês. **ALAN**

## EDITH M. A.

GOVERNO  
DEBORA CESAR  
ESTRATÉGIA  
PARA VACINAÇÃO

## LATEST LAMCUM

Guadalupe e o  
"carinho para  
quebrar a perna"

## ATAQUES E ACASOS

## Qual é o futuro da Lava-Jato?

A saída de Deltan Dallagnol do comando da força-tarefa de Curitiba, os ataques do procurador-geral Augusto Aras, a renúncia coletiva de procuradores em São Paulo e a onda de derrotas no STF abrem o debate: a operação chegou ao fim? **PAULO SE**

## MIDWINTER PEPERUANA

O futuro do Rio  
por quem ainda  
acreditamos nele

## MÉLIAM LESTÃO

A Amazônia  
exige de nós  
humildade  
e respeito

## ELIO CASPA III

Milícia de  
Gravata e a  
violência política  
na Bahia

## ANGELMO CURI

Griseo  
caña 2 amon  
leñón de arte  
sino a

**Oito investigadas  
tiveram 56% da  
verba da Saúde**

O esquema de corrupção na Saúde do Rio, denunciado pelo Ministério Público Federal, movimenta 56% de toda a verba liberada pelo governo Witzel na área, informa o RASAM. Gagnei. Foram pagos R\$ 1,8 bilhão às oito organizações sociais (OS) investigadas, que podem ter recebido R\$ 90 milhões em serviços na área. **risco**

Um pedido de liberdade para violoncelista

Músicoda Orquestra de Cordasda Grita, em Niterói, tocam em frente ao presídio do Benfica em protesto contra a prisão do violoncelista Luiz Carlos Justino, de 22 anos, acusado de assalto. Eles dizem que o rapar é inocente. [globo.com.br](http://globo.com.br)



## HEALTHCARE INFLAMM

## A chaga do racismo segue viva no esporte

Atletas e ex-atletas negros falam de suas experiências e do que é preciso mudar o cenário de preconceito e exclusão no esporte brasileiro. **por**

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, LÍBIA, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA, BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

## CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 6 DE SETEMBRO DE 2020

(DOMINGO)

Número 20.524 • 76 páginas • R\$ 4,00

Entrevista // Sergio Moro

## "Bolsonaro deveria honrar as promessas de campanha"

» ANA DUBEUX » ANA MARIA CAMPOS » CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

Ao aceitar o convite de Jair Bolsonaro para comandar o Ministério da Justiça, em 2018, Sergio Moro julgou que seria a oportunidade de ampliar o combate à corrupção, após os resultados da Operação Lava-

Jato. Em 2020, quase cinco meses depois de deixar o centro do poder, Moro afirma que o governo Bolsonaro, eleito como espécie de antítese do PT, abandonou a agenda anticorrupção. "O atual governo foi

eleito com a bandeira de defesa da Lava-Jato e do combate a alianças com políticos envolvidos em irregularidades, mas tudo indica que tenha sido apenas uma promessa de campanha", critica o ex-juiz. Em

entrevista ao Correio, Moro afirma que os ataques à Lava-Jato, que na última semana sofreram baixas significativas, são uma reação natural do sistema político interessado em perpetuar a impunidade.



Marcelo Ferreira/CBDA/Press

PÁGINAS 2 E 3

## Trabalho &amp; Informação Profissional

COVID-19  
DESMOTIVA  
BUSCA POR  
EMPREGO

A crise detonada pela pandemia teve forte impacto no mercado. Para jovens com idade entre 15 e 29 anos, muitos na situação de "nem estudar e nem trabalhar", a situação é mais grave. As vagas sumiram, e a vontade de procurá-las, também. Especialistas dão dicas para superar as adversidades.

Eles dão mais  
vida às histórias

Dubladores brasileiros driblam as restrições da pandemia e aproveitam o bom momento do setor. O Correio apresenta algumas vozes conhecidas pelo público.

DIVERSÃO &amp; ARTE

As milícias  
racistas dos EUA

Grupos armados de extrema-direita utilizam a retórica de Trump sobre "lei e ordem" para semear violência contra os negros. PÁGINA 12

Teve gol e fúria  
do Gabigol

Artilheiro da vitória ao Flamengo contra o Fortaleza, reclama da reserva e ouve Dime dizer que ninguém é maior do que o grupo. PÁGINA 16

**Revista do CORREIO**

### Identidade valorizada

Pessoas que carregam na pele as marcas do vitiligo superam o preconceito após processo de autoaceitação. Larissa Sampaio é uma delas, e usa as redes sociais para conscientizar sobre a doença autoimune.

Isabel de Santa/Divulgação

**O cerrado resiste**

### Agricultura consciente

A primeira da série de reportagens sobre o segundo maior bioma brasileiro mostra como as práticas sustentáveis se tornaram meta de muitos produtores rurais no DF, como Joe Valle (foto).

Marcelo Pereira/CBDA/Press

Saúde mental: a 4ª  
onda da pandemia

Especialistas estimam que problemas como depressão, ansiedade e estresse terão aumento do número de casos com a covid-19 em todo o mundo. O isolamento social e as preocupações decorrentes da doença — e dos efeitos dela na sociedade e na economia — podem levar à emergência de saúde mental. Psiquiatras brasileiros já relatam procura maior por atendimentos. PÁGINA 6

## FÉRIADÃO

Mesmo com covid,  
brasileiro vai à rua

Muitos brasileiros aproveitaram a Orla do Lago Paranaíba, ontem. Outros viajaram para cidades como Pirenópolis. No Rio, as praias estavam cheias. O país chegou a 126,2 mil mortes.

PÁGINAS 6 E 19

## ALERTA

Índia registra mais de  
80 mil casos diários

País de 1,3 bilhão de habitantes tem aumento exponencial em infecções pelo Sars-CoV-2 e em média de mortes a cada 24 horas. Já são 4 milhões de casos.

PÁGINA 13

### Heranças da ciência pós-coronavírus

Testes de diagnósticos, vacinas e drogas usados contra a covid-19 poderão ajudar no enfrentamento de outras doenças, asseguram especialistas.

PÁGINA 14

## Ana Maria Campos

Ibaneis quer assumir comando das negociações com os distritais. Há mudanças à vista na equipe do Buri. EXO CAPITAL, PÁGINA 18

## Denise Rothenburg

Sob comando de Luiz Fux, acreditam procuradores, a Lava-Jato e outras forças-tarefa ganharão apoio. BRASILIA DF, PÁGINA 5

## Luiz Carlos Ázedo

Com a elite do serviço público fora da reforma, queri pagar a conta são os velhos barnabés. NAS ENTRELINHAS, PÁGINA 4



9771108 266011

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166

VerCapas.com.br

(061) 99256.3846

DABR ASSOCIADOS DA

**MME / ASCOM .**